

Corpo E Deficiência: Por Uma Epistemologia Decolonial¹

Sheila Santos Carvalho Ribeiro²

O lugar ocupado pelo corpo na sociedade evidencia condições constituídas por arquétipos de normalidade, os quais contribuem para a invisibilização e a indiferença em relação à deficiência. Essa produção de indiferença pode gerar compreensões imprecisas sobre os sentidos e significados atribuídos ao corpo e suas diversidades. Historicamente, a deficiência tem sido moldada por paradigmas coloniais e medicalizantes, que reduzem a experiência corporal a categorias instrumentais. Este estudo, fundamentado em pesquisas no campo das Ciências da Religião e da Educação, analisa os sentidos e significados atribuídos ao corpo e à deficiência sob uma perspectiva marginal (RIBEIRO, 2019; 2023). Parte-se do pressuposto de que a marginalização de pessoas com deficiência reflete estruturas opressivas de uma sociedade colonial e capacitista (SANTOS, 2010a; 2010b), na qual narrativas hegemônicas silenciam subjetividades e reforçam exclusões. O objetivo é refletir sobre uma epistemologia alternativa que reconheça a deficiência como expressão legítima da diversidade humana. Ancorado no materialismo histórico-dialético, no diálogo com a psicologia histórico-cultural e em correntes críticas da sociologia, o estudo compreende a deficiência como construção social permeada por relações de poder e discursos institucionais que revelam a colonialidade do saber, sustentada em hierarquias corporais. Essa visão hegemônica não apenas desconsidera a complexidade das vivências das pessoas com deficiência, mas também reforça estruturas opressivas.

Propõe-se, assim, a desconstrução dessas narrativas dominantes por meio de uma análise crítica que questione como os discursos institucionais perpetuam marginalizações. A abordagem teórico-metodológica articula o materialismo histórico-dialético (MARX, 1852) com a perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2010), permitindo analisar três eixos centrais: a normatização da deficiência como dispositivo colonial, que transforma corpos em objetos de intervenção técnica; a normatividade adultocêntrica, que constrói a deficiência como estado de incompletude, evidenciada em discursos de “cura” (FOUCAULT, 2000), e as epistemologias dissidentes que oferecem alternativas à normatividade corporal (SANTOS, 2007). Conclui-se que a descolonização da deficiência exige: a desnaturalização crítica dos padrões corporais hegemônicos; o protagonismo epistêmico das e sobre as pessoas com deficiência na produção de conhecimento; e a transformação estrutural das instituições sociais. Nessa perspectiva, a deficiência deixa de ser um “problema” individual para tornar-se um reflexo das limitações de um sistema que precisa ser reinventado, demandando políticas capazes de operar uma transição paradigmática ainda distante.

Palavras-chave: Corpo; Deficiência; Epistemologia, Decolonial; Colonialidade;

¹Este trabalho foi apresentado no **XXIX Congresso Internacional de Antropologia de Ibero-América** e no **VI Seminário de Pesquisa em Rede Internacional**, realizado no **Centro Universitário Mais – UNIMAIS**, realizado em Inhumas, Goiás, Brasil, de 29 a 31 de maio de 2025. Trabalho publicado nos anais do evento.

²Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), com linha de pesquisa em Educação, Sociedade e Cultura; mestra em Ciências da Religião pela mesma instituição. Com formação acadêmica, incluindo especializações em Psicopedagogia e Direito Constitucional, tem atuação na gestão acadêmica e regulatória do ensino superior. Exerce o cargo de procuradora institucional, diretora acadêmica e docente na Faculdade Serra da Mesa (FaSeM), sendo responsável pela condução de processos regulatórios junto ao MEC, com foco em avaliações institucionais e de cursos. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Cultura e Educação Infantil (GEPCEI). Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre neurodiversidade. Possui experiência em coordenação e supervisão de Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs), elaboração de Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e implementação de políticas acadêmicas voltadas para a área educacional e acessibilidades. Coordenadora do Grupo de Estudo: Resignificar. Integra comitês editoriais e conselhos acadêmicos, desenvolve pesquisas sobre corpo, deficiência e educação superior. Integra a Comissão de Implantação do mestrado em Educação da FaSeM. Autora de artigos acadêmicos que discutem perspectivas críticas sobre educação e diversidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6176656272438788> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4885-3403> - E-mail institucional: dac@fasem.edu.br E-mail pessoal: sheila.com@hotmail.com